

## TEKOÁ: A LITERATURA NATIVA E SUAS LINHAS DE FUGA

Francis Mary S. C. da Rosa<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos

### INTRODUÇÃO

A escolha da literatura indígena como objeto de análise surgiu em meio a questionamentos oriundos da recente explosão desta produção literária distinta que se diferencia na forma e na textualidade do cânone, apresentando uma estrutura cultural diferenciada da atual produção literária hegemônica.

A literatura indígena textual contemporânea não é um fenômeno recente, desde a década de 80 existem produções de autoria indígena, mas, sobretudo no final da década de 90 e nos primeiros anos do século XXI é que se torna uma questão urgente discutir e pôr em relevo este processo de empoderamento que repercute em questões tão pontuais como alteridade, a escrita de si, mito, história, encontros, desencontros, resistência e tantas outras formas e textualidades que a literatura pode nos revelar.

O *outro*, o índio sempre teve sua visibilidade e sua identidade transpassada pela produção discursiva do não-índio: a literatura indianista<sup>2</sup> buscava informar (ou deformar?) uma visão e uma escrita sobre o índio de forma homogeneadora e etnocêntrica, sempre sobre o prisma ocidental, compartimentado na ideia de uma forma maior do fazer literário, que exclui e condiciona para a marginalidade as textualidades dissonantes. Segundo Alice Martha (1999):

Vistas, desde a Carta de Caminha, como elementos exóticos da terra, as figuras indígenas foram forjadas a partir de identidades europeias criadas por autores brancos, e mostravam-se incapazes de relatar, com voz própria, sua realidade e seus costumes (MARTHA, 1999, p. 324).

Para Olívio Jekupé (2009) é de vital importância que o lugar e o não lugar do índio dentro da sociedade sejam de uma busca por uma construção identitária própria que não expurgue elementos indissociáveis da cultura e modo de vida nativo, como por exemplo, as marcas da oralidade, a valorização das imagens e textualidades, a forma e estrutura de contar histórias, sua ligação com a cultura e todo um imaginário de um povo.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

<sup>2</sup> Segundo Graça Graúna a literatura indígena diz respeito à produção cultural e artística realizada pelo índio, mediante seus próprios códigos, já a literatura indianista busca informar sobre o universo e o homem indígenas. Cf. In: Literatura Indígena: desconstruindo estereótipos, repensando preconceitos. (Disponível em: [http://dhnet.org.br/direitos/militantes/ggrauna/ggrauna\\_lit\\_indigena\\_desconstruindo.pdf](http://dhnet.org.br/direitos/militantes/ggrauna/ggrauna_lit_indigena_desconstruindo.pdf) Acesso em 23/08/2014).

Essa especificidade no fazer literário nativo nos coloca em frente a importantes questões de pesquisa no campo linguístico-literário e da crítica cultural, pois procura por em destaque de que modo uma dada hegemonia literária de natureza eurocêntrica se relaciona com as formas diferenciadas e subalternas do fazer literário, mais precisamente da marginalização da literatura indígena, que é uma realidade ainda menosprezada e descaracterizada dentro deste modelo hegemônico; o modo como o conceito de minoridade literária de Gilles Deleuze e F. Guattari pode ser aproximado de tal produção e de que forma a especificidade desta literatura provoca deslocamentos, agenciamentos coletivos e linhas de fuga por meio de uma abordagem rizomática.

### **A LITERATURA NATIVA COMO UMA LITERATURA MENOR**

A literatura indígena assume caráter afirmativo na obra de Olívio Jekupé: indígena da tribo guarani, estudou filosofia na USP e apesar de não ter concluído, se constituiu como um dos mais importantes nomes da literatura nativa no Brasil. Sua preocupação com o empoderamento dos grupos indígenas é notória, principalmente no que se refere à literatura nativa, onde considera que é preciso que os grupos indígenas tomem a autoria de sua própria história. Segundo Jekupé:

[...] faz tantos séculos que o Brasil foi dominado pelos jurua kuery, não índios em guarani, e desde aquela época tudo o que se fala sobre nossos parentes é escrito por eles. Eu não via isso como algo interessante, porque nós temos que contar nossas histórias para nossos filhos e se tiver que ser escrita, por que não pelo próprio índio? (JEKUPÉ, 2009, p.11)

No discurso de Jekupé e em sua obra se percebe uma proposta de revisão histórica que transfere a visão da identidade indígena historicamente baseada no equivoco e preconceito pelos não índios, para uma proposta de autodenominação que se insinua ou pode se experimentar como uma literatura afirmativa e imprime em sua obra um caráter menor. Segundo Deleuze e Guattari (2003, p.41): “As três características da literatura menor são de desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, agenciamento coletivo de enunciação”.

Na obra de Jekupé procuro investigar a percepção da apropriação de uma língua maior - o português do não índio, intercambiado com o guarani do seu povo nativo (algumas de suas obras são bilíngues) como elemento de empoderamento e ao mesmo tempo de subalternidade, esta última que não coloca a sua obra como produto de assujeitamento, mas que existe enquanto potência criativa e fugidia, com um devir desterritorializante, é a língua maior tomada para si, por uma minoria, “estar na própria língua como um estrangeiro.” (Ibid., 2003.p.54).

Mediante Deleuze e Guattari (2011) é preciso ter cuidado com a expressão maior e menor, pois na concepção de devir revolucionário não está subscrito uma abordagem numérica, mas, sim, na sua potencialidade enquanto agente de desterritorialização, portadores do movimento e criação.

Neste sentido a produção de Jekupé instaura pontos de fuga e apropriações com uma textualidade contra hegemônica e discrepante da suposta literatura “de verdade”. Ao falar de si, ao escrever sobre a literatura oral do povo guarani, ele se apropria das coletividades e traduz uma voz coletiva, recupera-a e a experiência em um pronunciamento político que diz respeito a um povo inteiro, sua sensibilidade e sua história.

Tornando o subalterno uma potência criativa, a obra de Jekupé se configura em um agenciamento coletivo, um refundamento e um discurso de pertencimento que coloca uma língua maior num processo de fluxo e fuga.

Instaurar linhas de fuga, segundo Deleuze e Guattari (1998) deve ser compreendido como uma literatura que não se limita em reconhecer territórios e saberes, mas, pelo contrário, questiona os modelos e se propõe a novos encontros nas relações em que foi produzida, instaurando novas linhas de fuga: é fuga diante de fuga.

Como destaca Moreira (2002) o campo literário e a arte em geral é geradora de uma miríade de acontecimentos<sup>3</sup> com capacidade de transvalorar a realidade, produzindo formas de resistências e de polissemias de desejos.

## **POR UMA OUTRA POSSIBILIDADE METODOLÓGICA**

A noção de livro rizoma presente na obra de Deleuze e Guattari (2009) nos permite esboçar um campo de análises que se conecta a uma teoria literária multissignificante: o livro-rizoma. Esse sistema que se funda numa abordagem da filosofia das multiplicidades, potencializa os aspectos presentes na obra literária como criadora de significado e significante. Desta forma, uma obra literária, além de seu próprio universo conotativo, ganha uma multiplicidade de sentidos possíveis (e impossíveis) ao texto literário.

Sua natureza incerta nos mostra que toda forma é um estado variável de algo que sempre estar por vir. Mas, enquanto o rizoma não precede de início e nem fim, a literatura faz um corte (um

---

<sup>3</sup> Segundo Zourabichvili, o conceito de acontecimento em Deleuze é notadamente entrelaçado ao devir, ele é o “devir do mundo” (ZOURABICHVILI, 2004, p.7). O acontecimento, portanto, não é o que acontece, mas a parte eterna e múltipla do que acontece, é o “instante móvel que o representa” (DELEUZE, LS, 2000, p.177-8 Apud ZOURABICHVILI, 1996, p.6, grifo da autora).

mapa). Ela bloqueia os caminhos múltiplos discursivos para inserir sua voz ou vozes, operando novos desvios, novos significados, mesmo no que ainda é interditado. Em seguida, ela esboça uma linha que corre em direção ao futuro, o que desestabiliza (decalca) o presente.

Rizoma é literatura e essa literatura cria uma rede de questões convergentes, que projetam luz sobre um texto multifacetado. A literatura rizomática recusa interpretações, busca experimentações. Opõem-se ao dado e à identidade com outras modalidades, vai além dos seus limites: não há fórmulas ou hierarquias pré-estabelecidas. Assim, a literatura é um agenciamento com potencial de conectividade com outros agenciamentos, se associando a linhas de fuga, rompendo com a lógica binária hierárquica e instalando desterritorializações.

Ao instaurar linhas de fuga, a escrita literária possibilita rupturas no esquema radicular e promove frestas no discurso do poder, propondo empoderamentos. Sendo assim, a literatura indígena surge como uma possibilidade de constituição de devires e agenciamentos de poder, capaz de conectar multiplicidades, de experimentar linhas de fuga que refletem o processo de criação.

Em *Diálogos* (1998, p.22) Deleuze explana que o universo literário, tal como a arte, por muito tempo se constituiu como um decalque do modelo de representação do pensamento: os estilos, normas, escolas só funcionavam como maneiras de neutralizar devires e linhas de fuga. Contudo, há determinadas literaturas que produzem rupturas, linhas de fuga, que estão ávidas por experimentação. Desta forma, uma literatura rizomática produz multiplicidades, provoca algum efeito, se conecta para usos, adquire funções, movimentando-se no seu devir, é uma toca<sup>4</sup>, cheia de entradas. Seus personagens são sempre imagens de desterritorialização, desfazendo significações.

Ao longo de uma grande história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o *logos*, o filósofo-rei, a transcendência da Idéia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. É pretensão do Estado ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem. Mas a relação de uma máquina de guerra com o fora não é um outro "modelo", é um agenciamento que torna o próprio pensamento nômade, que torna o livro uma peça para todas as máquinas móveis, uma haste para um rizoma (DELEUZE, 2009, p.36.)

Percebe-se que a literatura pode efetuar linhas de fuga e promover novos devires também do campo político e social, desde a reprodução de um estado de coisas até a recriação da subjetividade: o texto literário absorve e é absorvido, representa e é representado, ele é território (sedentário) e linha de fuga (nômade). Na liberdade de tudo dizer, o texto literário ultrapassa estratos cronológicos e geográficos e, faz rizomas... Florescendo no meio.

---

<sup>4</sup> Deleuze e Guattari usam o termo "toca" em Kafka por uma literatura menor, para exemplificar as múltiplas entradas em uma obra literária rizomática.

## PRIMEIROS PASSOS...

Para a realização do projeto de pesquisa analisarei as obras de Olívio Jekupé, mais precisamente: O saci verdadeiro, Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena, Ajuda do Saci, Verá: o contador de histórias; As queixadas e outros contos guaranis; Xerekó Arandu, a morte de Kretã; Iarandu, o cão falante. Ao todo estas sete obras constitui-se como um agenciamento coletivo que instauram um universo rizomático com um reconhecimento de suas conexões com a alteridade, pluralizando dinamismos e oferecendo saídas para a percepção de um grupo, de uma sociedade, pois o escritor ou ensaísta não fala somente por si mesmo, ele é o porta-voz habilitado por outras vozes, por isso mesmo, a literatura indígena pode ser considerada uma expressão da literatura menor.

A revisão bibliográfica constituirá fundamentalmente na análise dos conceitos trazidos por Deleuze e Guattari nas obras Kafka: para uma literatura menor, Mil Platôs vol. I ao V, mais precisamente o conceito de rizoma, literatura menor, máquina de guerra e livro rizoma como possibilidades metodológicas de análise, deslocamentos e experimentação.

Será necessário contextualizar o percurso da literatura nativa até o momento, situando o autor estudado, assim como demonstrando a estreita relação que se configura entre o estado de tutela do indígena na sociedade brasileira e seu lugar utópico na literatura brasileira contemporânea. Desta forma, pretendo investigar a forma de construção de uma posição estética própria na escrita literária dos grupos nativos, uma nova forma de representação social, de construção de alteridades e agenciamentos maquínicos diferenciados do cânone. Observando-se assim, de que modo tal literatura pode promover uma atividade transgressiva no campo linguístico literário por meio do conceito de literatura menor e multiplicidade rizomática.

O intento é que tal esforço interpretativo nos permitam um proposta de violência ao método rizomático construindo uma especificidade analítica, uma máquina de guerra desejante – a Tekoá<sup>5</sup> – posta em contato com o cânone para uma experimentação da escrita que possibilite uma nova forma de representar a realidade, por uma intervenção no mundo, pois o jogo das forças políticas e psicossociais não se desenvolve somente entre indivíduos, mas também nos signos, nas leis, no desejo, nas micropolíticas etc.

---

<sup>5</sup> O termo tekoá, também grafado tekoha (pronunciado /tequô'á/), é de origem guarani e significa aldeia guarani. O significado completo da palavra, porém, não se reduz ao lugar habitado pelo grupo guarani. Literalmente, significa o lugar do modo de ser guarani, sendo esta categoria modo de ser (tekó) entendida como um conjunto de preceitos para a vida, em consonância com os regramentos cosmológicos herdados pelos antigos guaranis. Cf.: <http://tekoabrasil.com/florianopolis-sc/santa-catarina/floripa/>. Acesso: 30/08/2014.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs*. vol I. Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: editora 34, 2009.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*: vol. II. Capitalismo e Esquizofrenia: São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta: 1998.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Kafka - Para uma Literatura Menor*. Ed.0789, Lisboa. Editions Minit, 2003.
- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- JEKUPÉ, Olívio. *Ajuda do Saci*: São Paulo: DCL, 2006.
- JEKUPÉ, Olívio. *As queixadas e outros contos guaranis*. São Paulo: FTD, 2013.
- JEKUPÉ, Olívio. *Iarandu - o cao falante*: São Paulo: Peiropolis, 2002.
- JEKUPÉ, Olívio. *Literatura escrita pelos povos indígenas*: São Paulo: Scortecci, 2009.
- JEKUPÉ, Olívio. *O Saci Verdadeiro*. São Paulo: Eduel, 2003
- JEKUPÉ, Olívio. *Tekoá: conhecendo uma aldeia indígena*: São Paulo: Global, 2005.
- JEKUPÉ, Olívio. *Verá - O contador de histórias*: São Paulo: Peiropolis, 2005.
- JEKUPÉ, Olívio. *Xerekó Arandu, a morte de Kretã*: São Paulo: Peirópolis, 2002.
- MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Autoria Indígena Na Produção Infanto juvenil Contemporânea*: UEM, s/d. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/3.pdf>. Acesso em: 30/08/2014.
- MOREIRA, Osmar. *Folhas Venenosas do Discurso: Um Diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo Ribeiro*. Salvador: Uneb, Quarteto, 2002.
- ZOURABICHVILI, François. *Deleuze, une philosophie de l'événement*. Paris: Presses Universitaires de France. 2ª edição: 1996.
- ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro 2004.